

## A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NO SÉCULO XXI: BUSCA DE SENTIDOS NO ESPAÇO VIRTUAL

### EDUCATION FOR PEACE DURING THE XXI CENTURY: SEARCH FOR MEANINGS IN CYBERSPACE

### *LA EDUCACIÓN PARA LA PAZ EN EL SIGLO XXI: BUSCA DE SENTIDOS EN EL ESPACIO VIRTUAL*

António Gomes FERREIRA<sup>1</sup>  
Luís MOTA<sup>2</sup>

**RESUMO:** A nossa abordagem centra-se na problemática do pacifismo e educação, em Portugal, no século XXI. Consideramos o ciberespaço como arena para a sua constituição como problema social. Após pesquisas exploratórias identificamos as expressões “pacifismo e educação”, “educação e pacifismo” e “educação para a paz” como ponto de partida para a constituição de um acervo documental. A pesquisa realizou-se na web 2.0, mobilizando como browser, o Chrome, e com recurso a um motor de busca, o Google. Como restrições estabeleceram-se a localização (Portugal) e a língua (português). As fontes foram sujeitas a análise documental com recurso ao *método crítico*. O estudo permitiu-nos: caracterizar a diversidade de fontes em presença e as audiências a que se destinam; identificar organizações e atores, argumentos, diferentes posicionamentos e objetivos; elaborar uma leitura compreensiva da educação para a paz, em Portugal, como problema socioeducativo.

**Palavras-chave:** Educação para a paz. Educação e pacifismo. Educação para a cidadania.

**ABSTRACT:** Our approach is focused on the issue of pacifism and education in Portugal during the twenty-first century. We consider cyberspace as an arena for its constitution as a social problem. After exploratory research we identified the expressions "pacifism and education", "education and pacifism" and "education for peace" as a starting point for the establishment of a documental collection. The research carried on in the web 2.0, mobilizing Chrome as the browser and Google as the search engine, under our established restrictions of location (Portugal) and language (Portuguese). The sources were subjected to documentary analysis using the critical method. The study allowed us to characterize the diversity of sources and the audiences they are aimed for, to identify organizations and actors, arguments, the different positions and objectives, and to develop a comprehensive reading of education for peace in Portugal, both as a social and an educational problem.

**Keywords:** Education for peace. Education and pacifism. Education for citizenship.

**RESUMEN:** Nuestro enfoque se centra en el tema del pacifismo y la educación, en Portugal, en el siglo XXI. Consideramos el ciberespacio como arena para su constitución como problema social. Después de investigaciones exploratorias identificamos las expresiones "pacifismo y educación", "educación y pacifismo" y

<sup>1</sup>Doutor em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra / GRUPOEDE, CEIS20, UC. e-mail: antonio@fpce.uc.pt. Destaca-se que algumas palavras estão grafadas no Português de Portugal e foram mantidas.

<sup>2</sup>Doutor em História da Cultura. Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação / GRUPOEDE, CEIS20, UC. e-mail: mudamseostempos@gmail.com.

"educación para la paz" como punto de partida para la constitución de un acervo documental. La encuesta se realizó en la web 2.0, movilizandoo como navegador, Chrome, y como motor de búsqueda, Google. A medida que las restricciones de ubicación reiterada (Portugal) y la lengua (portugués). Las fuentes se sometieron a un análisis documental con el método crítico. El estudio nos permitió: caracterizar la diversidad de fuentes en presencia y las audiencias a que se destinan; identificar organizaciones y actores, argumentos, diferentes posicionamientos y objetivos; desarrollar una lectura integral de educación para la paz en Portugal, como problema socio-educativo.

**Palavras clave:** Educación para la paz. Educación y pacifismo. Educación para la ciudadanía.

## Introdução

Com diferenças assinaláveis ao nível da mensagem e dos emissores, Cultura de Paz e, especialmente, Educação para a Paz são expressões que escutamos frequentemente associadas à educação, em geral, e ao ensino, em particular. Conceitos diferentes embora complementares. Cultura de Paz é feita de todas as “coisas” positivas, a Educação para a Paz emerge como a (sua) vertente educacional, “um campo construído e pensado com ações pedagógicas voltadas ao esclarecimento sobre a cultura das violências em seu processo de mudanças para uma Cultura de Paz” (SALLES FILHO, 2016, p. 140). A Educação para a Paz constitui-se assim como um campo de ensino que pode ser estudado, “deve” como reforça Salles Filho, em articulação com a Cultura de Paz no sentido de definir aspetos básicos dotados de aplicabilidade no quotidiano educacional. Na realidade existe uma teoria fundamentada de Educação para a Paz que se desenvolveu, no continente europeu, nos últimos (quase) setenta anos com importante contributo de autores como Jares (1999; 2007), Rayo (2003) ou Serrano (2002).

Em termos genéricos, encontramos um certo consenso em torno de um conceito de “paz” pela positiva, no sentido de afirmação de valores como o altruísmo, o respeito, a tolerância, entre outros. Um entendimento que constitui, afinal, o ponto de chegada de um processo histórico que teve o seu início na Grande Guerra de 1914-1918, momento onde é possível situar as primeiras tentativas explícitas para fundamentar, do ponto de vista psicopedagógico, a Educação para a Paz.

As origens e antecedentes da Educação para a Paz, bem como o seu desenvolvimento posterior, ocorre em linhas paralelas, com contributos do legado da

não-violência – de Mahavira ao Mahatma Ghandi, passando pela doutrina de Jesus Cristo e as práticas sociais do primeiros cristãos ou o pacifismo neocristão de Erasmo de Roterdão e Juan Luis Vives – e da história da renovação educativa, nomeadamente, com Comênio e Jean Jacques Rousseau. Socorrendo-se da metáfora de ondas marítimas, Xesús Jares estrutura a evolução histórica da Educação para a Paz em quatro *ondas* que, conforme explicita, tal como o fenómeno físico, nem todas se iniciam no mesmo ponto embora, por vezes, se desenvolvam paralelamente e ao mesmo tempo, sem esquecer, contudo, que nem todas irrompem com a mesma intensidade (JARES, 1999).

O primeiro marco (ou onda) ocorre no início do século XX com o movimento de renovação pedagógica denominado Escola Nova e do qual resultam, em síntese, duas abordagens principais, uma mais psicologizante, maioritária e onde pontificava Pierre Bovet, e uma outra perspectiva de natureza sociopedagógica, representada por John Dewey. O segundo tem lugar com o nascimento da UNESCO, em finais de 1945, cujo labor prossegue atualmente, com importante desempenho no campo normativo bem como na promoção de programas, campanhas e materiais didáticos de Educação para a Paz. Uma ação que se traduz em novos componentes para a Educação para a paz como é o caso da Educação para os direitos humanos e da Educação para o desarmamento. Um terceiro marco é o contributo da não-violência, dimensão geradora da Educação para a paz e a mais difusa do ponto de vista do tempo e do espaço. Com raízes no continente asiático e filiação no campo religioso, a não-violência educativa confere à Educação para a Paz uma solidez ideológica através das suas propostas de luta não-violenta, da revisão do conceito de conflito e a componente de educação para o conflito e a desobediência. O quarto marco, o mais recente, nasce dos pressupostos de uma nova disciplina, a Investigação para a Paz e cujo principal contributo se situa no plano concetual, a revisão do conceito de paz, o que se denominou de paz positiva (JARES, 1999).

A nossa abordagem à problemática do pacifismo e educação centra-se na Educação para a Paz em Portugal, no século XXI e enquadra-se no âmbito da relação entre a comunicação e a educação. Consideramos a internet como arena para a sua constituição como problema social, levando em linha de conta que a rede das redes é parte do espaço público e parte da esfera pública, nos termos de Habermas (DELARBRE, 2009), mas cuja avaliação vem acentuando a perspectiva de obliteração estrutural da esfera pública de discussão no ciberespaço (TRIVINHO, 2010).

Pesquisas exploratórias contribuíram para identificarmos as expressões “educação e pacifismo” e “educação para a paz” como ponto de partida para a constituição de um acervo documental. No primeiro caso é de sublinhar que a ordem dos fatores não é arbitrária, já que, como a pesquisa nos viria a demonstrar, a busca mobilizando a expressão “pacifismo e educação” não conduziu a quaisquer resultados.

A pesquisa realizou-se na web 2.0, mobilizando como browser, o Chrome, e com recurso a um motor de busca (*search engine*), o Google. Como restrições estabeleceram-se a localização e/ou audiência (Portugal) e a língua (português). Ensaíamos medidas preventivas de enviesamento provocado pelo reconhecimento do histórico do investigador ou do protocolo de internet (*Internet Protocol*, IP), assumidos pelo motor de busca, no sentido de garantir a possibilidade de replicação do estudo, reconhecendo, no entanto, o carácter dinâmico da web 2.0. Os resultados obtidos foram tratados até ao ponto de saturação. As fontes foram sujeitas a análise documental com recurso ao *método crítico*.

O estudo tem como propósito caracterizar a diversidade de fontes em presença e as audiências, identificar organizações e atores, argumentos, diferentes posicionamentos e objetivos, bem como elaborar uma leitura compreensiva e crítica da educação para a paz, em Portugal, como problema socioeducativo, no ciberespaço. Os resultados da pesquisa, independentemente da expressão mobilizada, foram tratados em conjunto, tanto mais que a expressão “educação e pacifismo” se limitou a três resultados, pelo que se pode considerar despiciente. De sublinhar, desde já, a escassa presença de atores do campo científico.

### **Das páginas de aterragem aos eventos**

A primeira arrumação das fontes respeitou as páginas de aterragem (*landing pages*) ou páginas de destino, ou seja, as páginas referidas pelos resultados da pesquisa no motor de busca. Nesta perspetiva as páginas de aterragem distribuíram a sua frequência por *home page* de *sites*, *blogs*, páginas, subpáginas e documentos. O *site* (ou sítio) constitui um espaço de informação organizado e hierarquizado para que se aceda e compreenda o conteúdo (documentos interligados entre si) com facilidade. A *home page*, ou página de entrada, permite aceder a ligações para as restantes. Habitualmente são referenciadas por um *Uniform Resource Locator* (Localizador Uniforme de Recursos) (URL), constituído apenas pelo nome do *site*. O *blog* (ou blogue) é um

sistema de publicação destinado a divulgar informação por ordem cronológica, um pouco à semelhança do diário, dotado de um caráter pessoal que progressivamente se perdeu, servindo hoje de suporte a múltiplas atividades. A página web pode ser qualquer documento que faça parte de um sítio web e que costuma conter ligações (igualmente chamadas hiperligações ou *links*) para facilitar a navegação entre os conteúdos. As subpáginas são páginas cujo título apresenta uma “/” a separar o nome da página principal do nome da subpágina.

Dos resultados obtidos, cerca de 65% foram subpáginas e 23% deram acesso direto a documentos. Os restantes, *Homepage* e *Blogs*, ficam-se por 10% do total, sendo que aquela outra corresponde apenas a um resultado, correspondendo ao grupo PaxChristi.

A análise documental implicou, para além do tratamento crítico da mensagem, um rastreamento dos resultados na tentativa de identificar e caracterizar o emissor, bem como a audiência a que se dirigia. No desenvolvimento do processo de tratamento dos dados foi possível reelaborar a sua análise levando em linha de conta o emissor mas igualmente o teor da mensagem. Neste último caso, merecem saliência um conjunto de resultados que se limitam à mera divulgação de eventos, nomeadamente científicos, ou de livros sobre a temática em apreço, nestoutro respeitam mesmo ao mercado livreiro.

Três eventos emergem nos resultados obtidos. Com maior audiência, se considerarmos o número e a diversidade de emissores – Direção Geral de Educação, um centro de formação de professores e um centro de investigação –, foi o I Seminário de Educação para a Paz (2015), tendo decorrido nos dias 27 e 28 de março de 2015, no Conservatório de Música de Coimbra, sendo uma iniciativa do Grupo de Políticas e Organizações Educativas e Dinâmicas Educacionais (GRUPOEDE), do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade Coimbra (CEIS20, UC). O seminário debateu a questão dos princípios e valores inerentes à educação para a paz e a sua inter-relação com os direitos humanos abrindo a uma releitura contra-hegemónica, abordando dimensões curriculares da educação para a paz percebida como propósito da escola e refletindo a partir de projetos pedagógicos concretos de educação para a paz.

Decorreram, em Viseu, as XXII Jornadas Pedagógicas de Educação Ambiental da Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA)(2016) sob o título *Encruzilhadas para a participação, cooperação e paz*. As Jornadas tiveram como eixos temáticos os princípios e valores da Carta da Terra na educação para a paz, o papel dos jovens para Sociedades Sustentáveis, a ecocidadania e ciência cidadã, bem como

projetos e desafios para a cooperação nacional e internacional. Focalizadas nas questões ambientais e da sustentabilidade visavam facilitar a participação de jovens, propunham-se alargar o conhecimento sobre as questões sócio ambientais, promover a divulgação de estudos e investigações, a troca de experiências e de aprendizagens visando a cooperação e participação cidadã através das tecnologias e aplicativos móveis.

Igualmente objeto de divulgação, o Encontro Internacional da Society of Politics, Education and Comparative Inquiry in European States (SPECIES), com o tema *Pacifismo e Educação* (2016), que decorreu entre 21 a 23 de abril de 2016, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O Encontro convoca uma reflexão articuladora do contributo dos movimentos sociais, do papel da cultura e da religião, da teoria e a prática pedagógica para o delinear da problemática da paz e da educação, num contexto histórico e contemporâneo que conferem um caráter imperativo à Educação para a Paz.

Um conjunto de livros foram objeto de divulgação. *A educação para a paz no ensino das Ciências Naturais* (ALMEIDA, 2011), constitui a publicação de uma tese de doutoramento, cujo principal objetivo consistiu em perceber como o ensino das Ciências Naturais, do 3º Ciclo do Ensino Básico, em Portugal, contribuía para a educação para a paz. Composto por duas partes, na primeira reflete sobre os marcos da educação para a paz e na segunda aborda questões da ciência e educação para a paz. O estudo empírico centrou-se na análise de manuais de Ciências Naturais, do 3º Ciclo do Ensino Básico, permitindo-lhe discutir a presença/ausência do valor da paz na norma legal e nos manuais analisados, bem como o interesse/sensibilidade do corpo docente sobre a temática. Uma dissertação orientada, precisamente, pelo autor de um outro livro identificado nos resultados obtidos, Xesús Jares, com *Educação para a Paz. Sua teoria e prática* (2002), em tradução brasileira mas em português e alocado numa *subpágina* portuguesa (2016), onde o autor sustenta que no âmbito da educação, formal e não-formal, através de um processo criativo se devem efetivar contextos que promovam a passagem de uma cultura de guerra e violência para uma cultura de paz, com impacto direto nos quotidianos.

O Instituto de Educação da Universidade de Lisboa promove a apresentação do livro *Educação para a cidadania: textos internacionais fundamentais*, organização e tradução de A. Reis Monteiro (2001). Reis Monteiro recolheu e organizou o que se pode definir como a base jurídica geral da educação para os direitos do ser humano e outros valores cívicos e internacionais, nomeadamente para a cidadania democrática. Neste

livro discute-se e justificam-se opções conceituais subjacentes a expressões como “direitos do ser humano”, “direitos do homem” ou “direitos da pessoa” e clarifica-se o entendimento dado à expressão “outros valores cívicos e internacionais” como “conceito alargado de educação para os direitos do homem como Ética com dimensão pessoal, social e universal” (2016). Finalmente, o livro de J. Dias Agudo (1898-1984), datado da primeira metade do século XX, intitulado *Educação para a paz*(1948), publicado no significativo período do pós-2ª Guerra Mundial. O autor foi professor primário (1935-1954), aposentando-se precocemente, aparentemente por afastamento em relação ao curso político do país e a divergências com métodos e organização do ensino, tendo dedicado especial atenção à educação e ao cooperativismo, como fica bem patente na sua obra.

### **No quadro das organizações**

Numa aproximação aos emissores, os resultados levaram-nos a considerar sete categorias. A primeira categoria, organizações da sociedade civil, agrega organizações ou associações de carácter religioso, espiritual, organizações não-governamentais (ONG) e as organizações não-governamentais para o desenvolvimento (ONGD). Categoria com maior frequência, representando 38% dos resultados, parece indiciar a importância que a sociedade atribui à Educação para a Paz e a consequente implicação de diferentes grupos sociais na sua produção como problema social. Outra categoria, escolas do ensino não superior, agrega todos os resultados respeitantes a agrupamentos, jardins-de-infância, escolas básicas e secundárias, cujo número de resultados ronda os 32%. As restantes categorias são a administração central representando cerca de 10%, a administração local ou municípios (6%), a imprensa periódica (6%), organismos internacionais e outros, cuja presença é despicienda.

Na primeira categoria são de referir as organizações de carácter religioso como o Movimento dos Focolares e o grupo Pax Christi Portugal, as que têm subjacente uma matriz filosófico-espiritual como a Sunshine Yoga Baby and Kids ou a Girassol, as organizações não-governamentais para o desenvolvimento (ONGD) como a AMU Cooperação e Solidariedade Lusófona por um Mundo Unido e a AIDGLOBAL – Ação e Integração para o Desenvolvimento Global, para além daquelas como o Conselho Português para a Paz e Cooperação ou a Iniciativas de Mudança.



Movimento Católico Internacional para a Paz, a Pax Christi (Pax Christi Portugal, 2016) tem estatuto consultivo nas Nações Unidas, na UNESCO e no Conselho da Europa. Compaginando oração, espiritualidade, estudo e ação, em face da violência, do terrorismo, do aprofundamento das desigualdades e da insegurança global, tem como objetivo promover uma cultura da paz e da não-violência, fundada na justiça, no desenvolvimento e no respeito pela vida e pelos direitos de cada ser humano, para construir um mundo mais humano para todos (Constituição pastoral *Gaudium et Spes - Sobre a Igreja no Mundo Atual*, 1965).

Ao nível da ação facilita o acesso a documentação e bibliografia, organiza grupos de trabalho, desenvolve atividades de formação para os jovens, bem como campanhas, encontros, colóquios, conferências e seminários sobre temáticas diversas. Adota uma atitude interventiva ao nível dos responsáveis políticos, articulada com outras organizações, sobre questões candentes da atualidade mundial, nomeadamente a defesa da paz. Com este pano de fundo atua em áreas diversificadas e adota diferentes procedimentos: desenvolve esforços, no seio da cooperação inter-religiosa e intercultural, para a paz; toma iniciativas em prol do desarmamento e da desmilitarização e de defesa dos direitos humanos; no seio da teologia e espiritualidade da paz promove práticas de celebração de datas significativas (ex. advento) e difunde a palavra dos sucessivos chefes da igreja católica (ex. encíclicas); finalmente, destaca-se o trabalho desenvolvido, pela Pax Christi, no âmbito da educação para a paz e a não-violência.

Neste quadro têm-se produzido, em Portugal, materiais pedagógicos e de divulgação, levado a cabo ações de formação e organizado grupos “Educação para a Paz” para reflexão e estudo. Aproveitando as inúmeras possibilidades proporcionadas pelas novas tecnologias, criou um grupo *on-line* de educação para a paz e a não-violência, na forma de *e-grupo*. Do ponto de vista da interação intra *e-grupo*, o contacto regular realiza-se através de correio eletrónico e, presencialmente, tem lugar uma reunião anual com o objetivo de melhorar o conhecimento mútuo e avaliar o trabalho desenvolvido.

Uma *subpágina* permite-nos constatar a realização de semanas da paz Pax Christi, entre 2006 a 2010, com temas que vão desde situações concretas de conflito armado (Paz no Médio Oriente. Uma Miragem?, 2006) a questões mais relacionadas com a sustentabilidade (Cuidar da Terra e uns dos outros: Ecologia, Paz e Estilos de Vida, 2007) ou com a problemática da solidariedade e da equidade (Humanizar a



Globalização, Globalizar e Solidariedade, 2010). As temáticas deixam transparecer este entendimento global da Educação para a Paz, alicerçado num quadro de valores que devem nortear os estilos de vida, abrangendo todas as suas dimensões, das relações intersubjetivas a um comportamento quotidiano no respeito pelo planeta, incorporando, nesta perspetiva, a denúncia de todo o tipo de violência (bélico, racismo, desigualdades) compaginada com adoção de atitudes ecológicas. No período subsequente a 2010 não existem mais registo de celebração da semana da paz e, mesmo neste último ano, a hiperligação de acesso a um *blog* já não se encontra disponível.

O Movimento dos Focolares (2016) nasceu em Trento (Itália) em 1943, fundado por Chiara Lubich (1920) e encontra-se a celebrar os 50 anos em Portugal. Ao invés da Pax Christi, a informação contida no espaço deste movimento encontra-se atualizada, sendo disso exemplo, o anúncio para 22 de abril p. p., de um encontro, no Porto, na Casa Diocesana de Vilar (Rua Arcediogo Vanzeller, 50), organizado pela comunidade do Porto do Movimento, sob o título *Felizes os construtores de Paz... Aprender a olhar como Chiara Lubich*.

Marcado pelo pensamento e ação de Chiara Lubich que se respaldou no princípio de Deus ser o amor e na redescoberta do Evangelho como força renovadora, relido como facto espiritual e social. Vivido, o Evangelho, constitui-se na força motriz da revolução social. O Movimento dos Focolares, composto pela diversidade, assumiu a forma de um *laboratório* para um mundo unido pela fraternidade. A unidade entre pessoas, categorias sociais, e povos, foi difundida por Lubich em escritos, palestras, encontros e viagens, numa atuação em prol do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

O Movimento dos Focolares tem como objetivo primeiro contribuir para a realização da unidade e da fraternidade universal. O Movimento deu origem à corrente de espiritualidade da unidade ou de comunhão que pretende dar origem à renovação espiritual e social. O movimento estendeu-se à família e organiza-se por grupos etários, abrangendo os jovens, os adolescentes e as crianças. Tem uma intervenção social, a Humanidade Nova, cujos principais responsáveis são leigos das mais variadas categorias sociais e profissionais, autoapelidados *Voluntários de Deus*, empenhados na renovação dos vários campos da sociedade. Finalmente, existem os Movimentos Sacerdotal e Paroquial, sendo que os seus animadores são sacerdotes, religiosos e leigos do Movimento.

A espiritualidade da unidade considera-se uma resposta à sede de unidade, de paz, de renovação, que caracteriza a humanidade. Encontra-se na origem de um estilo de

vida que promove a superação de barreiras de preconceitos e divisões. Este processo autoriza que a apropriação dos valores positivos, inerentes às diferentes culturas e religiões, se constitua numa riqueza recíproca. O Movimento conserva uma visão da história como processo e confere-lhe uma finalidade, acreditando que apesar dos seus conflitos e contradições, a história se desenvolve no sentido de um *mundo mais unido*.

Na estratégia da sua ação enquadra-se um projeto editorial, a Editora Cidade Nova, que visa, por meio das suas publicações, contribuir para a promoção e difusão de *umacultura de fraternidade*. As tomadas de decisão editorial levam em consideração valores como a paz, a solidariedade, a justiça, o respeito pela diversidade, o diálogo, a tolerância, a partilha, a dignidade e os direitos humanos. O objetivo é expandir e diversificar a audiência e potenciar, através da leitura, o encontro de homens e mulheres de todas as idades, condições sociais e confissões religiosas.

De apelo filosófico-espiritual emergem instituições mais centradas no indivíduo e numa autorregulação pessoal e psicológica para a sua atuação quotidiana, sem cuidar particularmente de uma perspetiva de organização social e comunitária. Identificámos duas, a escola Sunshine Yoga Baby and Kids (2016) e a Girassol (GIRASSOL. Educando para a paz e a sustentabilidade, 2016), que têm em comum a importância dada ao equilíbrio do corpo, e à sua educação, com o espírito no sentido de alcançar um estilo de vida mais equilibrada com o que a rodeia e compreensão em relação aos outros.

A Escola Sunshine Yoga Baby & Kids é especializada na prática e formação de yoga com bebés, crianças e crianças com necessidades especiais, em ambiente escolar e com famílias. Concebendo a criança como um ser dotado de aptidões e talentos que importa potenciar de forma harmoniosa assume como missão o desenvolvimento integral, natural e intuitivo de bebés e crianças, e propõe-se promover atividades que envolvam os pais com os filhos.

A ação desenvolvida funda-se na filosofia neo-humanista proposta por Shrii Prabhat Ranjan Sarkar (1921-1990), filósofo, reformador social, humanista e mestre espiritual, procurando elevar os sentimentos humanos, tornando o homem ciente das suas responsabilidades consigo mesmo e com relação aos seus irmãos e aos reinos dos animais e das plantas.

A Sunshine Yoga Baby & Kids adota uma pedagogia neo-humanista, destacando no currículo essa perspetiva humana através de histórias, músicas, jogos, danças e exercícios rítmicos e energéticos, relaxamento e meditação, despertando na criança as

suas potencialidades e levando-a a alcançar um equilíbrio físico, mental e espiritual. Através desta educação de amor, as crianças desenvolvem o autoconhecimento e o conhecimento objetivo.

O propósito da educação neo-humanista é de formar indivíduos que sejam verdadeiros exemplos de saúde física, capacidade mental, disciplina, higiene, moralidade, equilíbrio emocional e solidariedade e compaixão com toda a criação, pelo despertar da intuição e da espiritualidade. A Escola dá resposta aos vários pedidos de aulas (escolas, espaços particulares, câmaras e entidades governamentais) e disponibiliza formação contínua em múltiplas áreas, como o yoga, a meditação, a reflexologia, a massagem e o desenvolvimento infantil.

No quadro dos resultados obtidos no âmbito das organizações não-governamentais para o desenvolvimento (ONGD) merecem destaque, pelo seu significado e posicionamento, a AMU (AMU – Cooperação e Solidariedade Lusófona por um Mundo Unido, 2016) e a AIDGLOBAL (AIDGLOBAL. Ação e Integração para o Desenvolvimento Global, 2016).

A AIDGLOBAL nasceu em 2005, da experiência de voluntariado da sua fundadora, Susana Damasceno. O reconhecimento do governo português conferiu-lhe, em 2006, o estatuto de ONGD. A sua prioridade é a melhoria dos níveis de literacia e de educação, essenciais a uma cidadania ativa, promotora de um mundo mais justo, igualitário e sustentável e estabeleceu como missão identificar, desenhar e implementar estratégias e ações que contribuam para atenuar as dificuldades de acesso à educação e combater a iliteracia no quadro da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Em Portugal, destaque-se o projeto “Educar para Cooperar” (2016), promovendo atividades junto de professores e alunos de escolas de Lisboa e Loures, num total de onze escolas dos dois conselhos. O projeto segue os princípios orientadores da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (PORTUGAL, 2009) e tem como objetivo contribuir para um mundo no qual as escolas sejam espaços de construção de cidadãos críticos e participativos e que promovam a transformação social. Como objetivos específicos do projeto constam formar professores e educadores em Educação para a Cidadania Global (ECG), promover a associação dos conteúdos dos currículos oficiais aos temas da Educação para a Cidadania Global, disponibilizando recursos e materiais pedagógicos (Equipa da AIDGLOBAL; MATIAS; MENDES; CARVALHO; BRANQUINHO, 2015), e sensibilizar alunos para as diversas temáticas

de ECG, recorrendo a dinâmicas que promovam, simultaneamente, a participação cívica e a consciência do papel de cada um em prol de um mundo mais justo e solidário.

Neste sentido o trabalho desenvolvido com os alunos na sala de aula aborda temas como a globalização e interdependências mundiais, consumo responsável, justiça social global, direito à alimentação, voluntariado nacional e internacional, diversidade étnica e cultural, conflito e paz, direito à educação, desenvolvimento sustentável, igualdade de género e desigualdades mundiais, entre outros, não perdendo de vista que a ECG “pretende ser transformativa, envolvendo os alunos na construção de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores basilares para a promoção do respeito pelos direitos humanos, justiça social, paz, diversidade, igualdade de género e sustentabilidade ambiental” (UNESCO, 2015, p. 15).

De natureza diversa e com traços diferenciadores são merecedores de referência o Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) e o Iniciativas de Mudança. Estoutro é um movimento mundial de pessoas de diversas culturas e origens, comprometidas com a transformação da sociedade através de mudanças nas motivações e comportamento humanos, a começar pelos próprios. Organiza e desenvolve um conjunto de programas dos quais um é "Educação para a paz". Trabalha com escolas, ensinando aos alunos como administrar conflitos sem recorrer à violência. O programa, que se desenvolve em todas as escolas e não apenas nas consideradas problemáticas, adota uma abordagem de longo prazo, através de intervenções que abordam as atitudes subjacentes a formas difusas de violência, como a agressão verbal, os insultos, os ataques racistas e o vandalismo. Mobiliza como estratégias, as oficinas e os jogos, os debates, os exercícios em grupo, as peças teatrais, entre outras, procurando conscientizar os jovens de que a paz é uma possibilidade real se cada um de nós a cultivar em nossa própria esfera.

O CPPC integra o Conselho Mundial da Paz e está organizado em núcleos regionais. Ao invés das demais organizações e movimentos já referenciados, o CPPC está politicamente empenhado e assume-se como ator no processo político internacional e no posicionamento estratégico de Portugal, no plano de defesa da paz e da cooperação.

No plano educativo o CPPC promove a ação no exercício de uma cidadania crítica e participativa através da organização e realização de manifestações, mobilizando debates em torno de dossiês temáticos ou levando a cabo conferências e exposições. De entre os dossiês disponíveis devemos destacar os dedicados ao militarismo e guerra (composto de notícias sobre armas nucleares, a NATO, as exposições 100 anos GG,

Auschwitz), os que se debruçam sobre a paz e o desenvolvimento, um versando as notícias de iniciativas e debates promovidos pelo CPPC, outro em torno da questão nuclear e, finalmente, estoutro que se debruça sobre a solidariedade e a cooperação a partir de informações sobre o Brasil, os refugiados e o terrorismo. No âmbito das exposições articuladas com palestra e debate encontramos as exposições *Construir a paz com valores de abril*, com iniciativas de 2014 a 2016, e *100 anos da I Guerra Mundial e a luta pela Paz*. Simultaneamente, mobiliza produtos multimídia e possui um projeto editorial, o Notícias da Paz.

É precisamente, em associação com o CPPC que emerge o poder autárquico. Referência para os municípios que celebram protocolo e se associam ao CPPC. Loulé estabeleceu o protocolo para levar às escolas do concelho a exposição *Construir a Paz com os valores de abril e Palmela para o desenvolvimento de ações de Educação para a Paz nos concelhos*.

Já o discurso governamental, ao nível da administração central, no ciberespaço, em referência à problemática que vimos analisando, destaca-se na intervenção da Direção Geral de Educação na fixação da educação para a cidadania e, simultaneamente, na disponibilização de material pedagógico-didático alocado na Direção Geral de Educação (DUARTE, et al., 2015), Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, 2013), no Instituto de Defesa Nacional (DIAS, et al., 2014) e, igualmente, na Rede Comum de Conhecimento da Administração Pública.

Nas linhas orientadoras de Educação para a cidadania, atualizadas em 2013 (MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, 2013), o exercício de cidadania emerge como um processo participado, no plano individual bem como coletivo. Processo esse que evidencia a necessidade de uma tomada de consciência que se traduz em práticas sociais que remetem para os direitos humanos.

Enquanto processo educativo visa a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, atuantes nos limites dos seus direitos e deveres, num quadro de tolerância e diálogo. A escola, espaço onde se refletem as preocupações transversais à formação social sobre as diversas dimensões da educação para a cidadania – a educação para os direitos humanos, a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável, a educação rodoviária, a educação financeira, a educação do consumidor, a educação para o empreendedorismo, a educação para a igualdade de género, a educação intercultural, a educação para o desenvolvimento, a educação para a defesa e a segurança/educação

para a paz, o voluntariado, a educação para os media, a dimensão europeia da educação e a educação para a saúde e a sexualidade –, é entendida como campo privilegiado de aprendizagem e de exercício da cidadania.

Ainda de acordo com as *Linhas Orientadoras*, a área temática da Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz tem por base uma leitura de articulação e interdependência entre os órgãos e estruturas de defesa e a preservação dos direitos e liberdades civis na formação social portuguesa, numa lógica em que a manutenção destoutros depende da existência dos primeiros. Simultaneamente, salienta-se o caráter funcional e instrumental, daqueles, em tempo de paz. Neste enquadramento, esta área da educação para a cidadania deverá promover, junto do corpo discente, a consciencialização da importância do património cultural com o sentido de reforço da identidade nacional, num quadro que o legislador considera ser o “da tradição universal de interdependência, solidariedade e paz entre os povos do Mundo” (MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, 2013, p. 4).

Com esta moldura e visando promover a divulgação dos valores e das matérias da segurança e da defesa nos ensinos básico e secundário, foi celebrado um protocolo de colaboração entre os ministérios da Educação e Ciência (MEC) e da Defesa Nacional (MDN) (PORTUGAL, 2012). Do trabalho interministerial resultou um *Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz* (RESDP)(DIAS, et al., 2014) que se constitui em documento orientador para a implementação da Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz na Educação Pré-Escolar e nos Ensinos Básico e Secundário. Na sequência foi organizado pelo Instituto de Defesa Nacional (IDN), em parceria com a Direção-Geral da Educação (DGE), um documento de apoio intitulado *Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz – As forças Armadas e as Forças de Segurança e os Serviços de Segurança* (DUARTE, et al., 2015), que pretende constituir-se como um recurso facilitador para a operacionalização do RESDP.

A subpágina, da DGE, dedicada à Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz, disponibiliza, ainda, um conjunto de documentos de referência, tanto no plano internacional, bem como ao nível nacional, nomeadamente, a Lei da Defesa Nacional ou o Conceito Estratégico de Defesa Nacional 2013, bem como II Plano Nacional de Ação para a Implementação da Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas n.º 1325 (2000) sobre Mulheres, Paz e Segurança (2014-2018), o que, de algum modo, espelha, por si só, uma certa perspectiva da educação para a paz.

Compreensão que se atualiza na Evocação do 1.º Centenário da 1.ª Guerra Mundial. A DGE avançou com um conjunto de propostas que visam incentivar o estudo da Grande Guerra e do contexto em que esta se desenrolou, considerando que contribui para a tomada de consciência, pelos alunos, da tradição universalista dos portugueses e da crescente interdependência e necessidade de solidariedade entre os povos, objetivos previstos na Lei de Bases do Sistema Educativo e enquadrados no conjunto de referenciais relativos à educação para a cidadania e que visam fornecer às escolas material de trabalho para tornar possível integrar esta área nos programas das disciplinas e/ou em projetos específicos, ajudando a compreender como o dever de memória pode alicerçar uma cultura de paz.

Para o ano letivo de 2015-2016, a DGE em parceria com outras organizações, propôs às escolas um conjunto de desafios dirigidos aos diferentes níveis e ciclos de ensino, desejando contribuir para tornar mais aliciante o estudo da I Guerra Mundial: visionamento do webinar<sup>3</sup> (e. g. “Evocação do Centenário da I Guerra Mundial – A Saga de um Combatente”), leitura de parte de um diário ou história de vida de um combatente, a participação em concursos, a consulta do “Memorial Virtual aos Mortos da Grande Guerra” e a participação nas atividades levadas a cabo pela Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da I Guerra Mundial.

No ciberespaço, ao longo da nossa pesquisa, não achamos nenhum programa ou notícia de qualquer agrupamento escolar ou jardim-de-infância ou escola do ensino não superior desagrupada, e recordemos que representaram 32% dos nossos registos, que demonstre a aceitação do desafio proposto pela DGE para 2015-2016. De um modo geral as referências encontradas reportam-se ao ano letivo de 2015-2016 e apenas num caso foi possível rastrear a celebração da Semana da Não-violência e da Educação para a Paz (25 a 29 de janeiro) até 2010.

Comum a todos os estabelecimentos de ensino é o caráter *comemoracionista* do dia e/ou da semana, ainda que destacando que a não-violência e a paz não são de um dia (ou semana) mas de todos os dias. Na verdade, nem mesmo quando aparece a referência à Educação para a cidadania, não conseguimos captar um trabalho pedagógico sistemático de promoção da educação para a paz junto das crianças e jovens.

De um modo geral, todas estas instituições educativas desenvolveram atividades durante a semana de 25 a 29 de janeiro (ou cuja visibilidade culminou nessa semana)

<sup>3</sup>Iniciativa da DGE que se caracteriza pela realização de conferências em linha dirigidas à comunidade escolar, cobrindo diversas temáticas relacionadas com a sua missão.



com exceção de uma situação em que só se detetou a comemoração do dia 30, como dia da Não-violência e da Educação para a Paz.

No caso do agrupamento de escolas com registos a 2010 foi possível detetar uma evolução programática no sentido de uma crescente focalização em cada um dos grupos de crianças que o frequentam, facto que pode, naturalmente, ter explicações de natureza muito diversa. Assim, se inicialmente verificamos a existência de um programa de comemorações com um único conjunto de atividades, progressivamente assiste-se como que a uma especialização, primeiro por ciclo de estudos – jardim-de-infância, 1º ciclo e depois os demais – para, já em 2015-2016, se consubstanciar em atividades por ano de escolaridade. Os demais programas surgiram, na sua maioria, organizados por ciclo de estudos.

Neste quadro devemos destacar o caráter quase generalizado dos espetáculos de teatro e de dança, a par do recurso a palestras, pontualmente, com convidados. Estourras, sem ser em número significativo, a par da promoção de reflexões em sala de aula, debruçaram-se particularmente sobre a violência na escola, o *bullying* ou a violência no namoro. Assinale-se, ainda que em número limitado mas repetido em algumas escolas, a evocação do Mahatma Gandhi como símbolo da recusa de toda e qualquer violência.

Comum foi, igualmente, encontrar a referência à leitura de poesia e prosa alusivas à efeméride, a par de, em muitos casos, produção escrita própria do corpo discente, com mensagens de paz, tantas vezes para servir uma exposição sobre a temática. Em termos icónicos abunda a presença das pombas e das árvores da paz e a sua decoração com trabalhos realizados, especialmente para o efeito, pelas crianças e jovens. De sublinhar, igualmente, a presença de peças brancas de vestuário como símbolo da solidariedade com as vítimas da violência. As disciplinas cujo envolvimento é mais referenciado são as expressões, nomeadamente, Educação Visual, o Português e a Educação Moral e Religião Católicas.

### **Considerações finais**

O conceito de paz e os conteúdos de Educação para a Paz, em termos de espaço na web 2.0, encontraram-se majoritariamente alocados em subpáginas (65%) ou em documentos (23%), numa distribuição de frequência, por emissor, pelas organizações da sociedade civil (38%), por instituições educativas de ensino não superior público (32%)

e, ainda que de modo (muito) menos significativo, pelas administrações (16%), central e local.

O espaço onde os conteúdos se encontram revela, desde logo, que a Educação para a Paz constitui apenas um dos campos de intervenção no espaço público de certas organizações, associações ou instituições. Noutra perspetiva, parece autorizar uma leitura que coloca a pedagogia para paz subordinada a conceitos hierarquicamente mais abrangentes.

Os eventos divulgados traduzem, tanto pela responsabilidade da iniciativa, bem como pela perspetiva concetual, duas formas de encarar a Educação para a Paz. Elencámos iniciativas umbilicalmente ligadas à investigação (fundamental e/ou aplicada), ainda que uma seja mais marcada por uma abordagem socio-histórica, ambas parecem partir do conceito de paz como integrador e multidisciplinar conferindo a uma pedagogia da paz um carácter transversal integrando diferentes componentes. Na iniciativa da associação ambiental, pelo seu lado, a problemática da educação para a paz emerge como uma vertente da educação para a sustentabilidade.

Em sintonia com esta última perspetiva encontramos a conceção e atuação de uma ONGD que cometendo à educação papel fulcral no *fabrico* de cidadãos críticos, participativos e promotores da transformação social, promove projetos que visam atenuar as dificuldades de acesso à educação e o combate à iliteracia nos países da CPLP. Da análise dos fundamentos e ação no desenvolvimento desses projetos constata-se uma aproximação ao conceito de ECG, sustentado pela UNESCO, no qual se inclui a paz e a Educação para a Paz.

O discurso e as orientações estatais, ao nível do poder central, compaginam-se com esta perspetiva já que é na Educação para a Cidadania que emerge a área temática que agrega a Educação para a Paz”. Contudo, das linhas orientadoras e das opções temáticas, a educação para a paz surge subsumida na área de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz. Esta opção ilustra o que podemos definir com um conceito *concreto* de paz. A sua operacionalização traduz um investimento no reforço da identidade nacional e uma tomada de consciência, por parte das crianças e jovens portugueses, das condições concretas de existência da segurança e da paz, promovendo o conhecimento dos seus mantenedores, bem como do papel geoestratégico de Portugal, passado e presente, no concerto internacional de crescente interdependência.

Nesta perspetiva de preocupações, destaca-se o CPPC, membro do Conselho Mundial da Paz e politicamente empenhado, assumindo-se como ator no processo

político internacional e na discussão do posicionamento estratégico de Portugal, no plano de defesa da paz e da cooperação.

As organizações de carácter religioso surgem marcadas pelo pensamento católico e pugnam por um conjunto de valores e normas de comportamento que sirvam o desenvolvimento de uma cultura de paz e de não-violência, no respeito pela vida e pelos direitos de cada um/a. As de apelo filosófico-espiritual focalizam-se mais na autoeducação do indivíduo e na sua autorregulação física e psicológica, através de um conjunto de práticas. Em comum, a crença na educação, nos valores da paz, o investimento numa Educação para a Paz e a preocupação com a criação de contextos de aprendizagem que sirvam a paz. À semelhança de qualquer estabelecimento de ensino, duas das organizações referenciadas – uma de natureza religiosa, outra de carácter filosófico-espiritual – enquadram os seus membros por grupos etários. Simultaneamente, uma destoutras tem como preocupação o desenvolvimento de educação intergeracional, promovendo contextos de aprendizagem para pais e filhos.

Uma palavra, antes de concluirmos, para os estabelecimentos de ensino não superior onde, apesar dos esforços da DGE, a partir das fontes que mobilizámos, se destaca o carácter *comemoracionista* do dia e/ou da semana, onde não foi possível detetar um trabalho pedagógico sistemático de promoção da educação para a paz junto das crianças e jovens.

Finalmente, as publicações divulgadas, a mais recente publicada há um lustro atrás, pautam-se pela diversidade, na abordagem e nos objetivos, e pela disparidade, muito especialmente no arco temporal, cerca de 60 anos, concretamente, do final da primeira metade do século XX até ao início da segunda década do século XXI.

### Referências

AGUDO, J. D. **Educação para a paz**. Lisboa: Gomes e Rodrigues, 1948.

AIDGLOBAL (Org.). **Ação e integração para o desenvolvimento global**. Disponível em: <<http://aidglobal.org>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

ALMEIDA, M. E. **A educação para a paz no ensino das Ciências Naturais**. Lisboa: FCT/Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

AMU – Cooperação e Solidariedade Lusófona por um Mundo Unido. Disponível em: <http://www.amu.org.pt/>. Acesso em: 16-11-2016.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL - ASPEA (Org.). **XXII Jornadas Pedagógicas de Educação Ambiental da ASPEA**: Encruzilhadas para a participação, cooperação e paz. Disponível em: <<https://aspea.org/index.php/noticias/89-xxii-jornadas-pedagogicas-de-educacao-ambiental-da-aspea-encruzilhadas-para-a-participacao-cooperacao-e-paz>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. **Sobre a Igreja no Mundo Atual**. Disponível em: <[http://idfc.patriarcado-lisboa.pt/PDF\\_DOCUMENTOS/1965-12-7%20Gaudium%20et%20spes.pdf](http://idfc.patriarcado-lisboa.pt/PDF_DOCUMENTOS/1965-12-7%20Gaudium%20et%20spes.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DELARBRE, R. T. (). Internet como expressão e extensão do espaço público. **Matrizes**. Ano 2, n.º 2, jan./mar. 2009, p. 71-92. Disponível em: <<https://rtrejo.files.wordpress.com/2012/04/internet-e-espaco-pc3bablico-matrizes-2-2009.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

DIAS, António et. al. **Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz**. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 2014. Disponível em: <<https://www.idn.gov.pt/conteudos/documentos/Referencial-EBOOK-versaodigital.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO (Org.). **Documento de Apoio**: Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz. Disponível em: <<http://www.dge.mec.pt/noticias/educacao-para-cidadania/documento-de-apoio-referencial-de-educacao-para-seguranca-defesa-e>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

MONTEIRO, Antonio Reis (Org.). **Educação para a Cidadania**: Textos Internacionais Fundamentais. Lisboa: Cieful, 2001. Disponível em: <<http://www.ie.ulisboa.pt/publicacoes/educacao-para-a-cidadania-textos-internacionais-fundamentais>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

**Educação para a Paz**. 2 Edição revista e ampliada. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/educacao-para-a-paz-2-edicao-revista-e-ampliada-xesus-r-jares/10312309>. Acesso em: 15 nov. 2016.

**EDUCAR PARA COOPERAR**. Disponível em <http://educarparacooperar.pt/>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ENCONTRO INTERNACIONAL DA SPECIES (Org.). **Pacifismo e Educação**. Disponível em: <[https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=28417](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=28417)>. Acesso em: 15 nov. 2016.

EQUIPA DA AIDGLOBAL (Org.). **Manual de Educação para a Cidadania Global**: uma proposta de articulação para o 2º Ciclo do Ensino Básico. Lisboa: Aidglobal Acção e Integração para o Desenvolvimento Global, 2015. 116 p. Disponível em: <[http://aidglobal.org/userfiles/FINAL\\_Manual-Cidadania-Global\\_Digital.pdf](http://aidglobal.org/userfiles/FINAL_Manual-Cidadania-Global_Digital.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2016.

ESCOLA SUNSHINE YOGA. **Baby & Kids**. Disponível em:  
<<http://www.sunshineyoga.pt/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

**Girassol**. Educando para a paz e a sustentabilidade. Disponível em:  
<http://www.girassol.pt/meditacao-educacao/>. Acesso em: 21-4-2016.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO PARA A PAZ. **Educação para a paz**. Disponível em: <<http://www.dge.mec.pt/noticias/educacao-para-cidadania/educacao-para-paz>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

JARES, X. R. **Educação para a Paz**. Sua teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARES, X. R. **Educación para la Paz**. Madrid: Editorial Popular, 1999.

JARES, X. R. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. **Educação para a cidadania: linhas orientadoras**. Disponível em: <<http://dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

MOVIMENTO DOS FOCOLARES (Org.). **A centelha inspiradora: Deus Amor**. Disponível em: <<http://focolares.pt/chiara-lubich/a-centelha-inspiradora-deus-amor/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

MOVIMENTO DOS FOCOLARES (Org.). **Chiara Lubich**. Disponível em:  
<<http://focolares.pt/chiara-lubich/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <http://focolares.pt/>. Acesso em: 16 nov. 2016

NANOOK. **Meditação na educação**. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/nanook.meditacaoparafamilias>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

PORTUGAL, Pax Christi (Org.). **Um Movimento Católico Internacional ao Serviço da Paz**. Disponível em: <<http://www.paxchristiportugal.net/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

PORTUGAL. Despacho n.º 25931/2009 de 26 de novembro de 2009. **Diário da República**. 2ª Série, n.º 230, 2009, pp. 48391-48402.

PORTUGAL. **Educação para a Cidadania**. Guião de Educação para a Sustentabilidade — Carta da Terra. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2006.

PORTUGAL. **Educação para a cidadania: linhas orientadoras**. Disponível em:  
<[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/educacao\\_para\\_cidadania\\_linhas\\_orientadoras\\_nov2013.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2013.

PORTUGAL. **Protocolo de cooperação entre o Ministério da Defesa Nacional e o Ministério da Educação e Ciência**. Disponível em:

<[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/protocolo\\_mec\\_mdn.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/protocolo_mec_mdn.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2012.

RAYO, J. T. **Educação em direitos humanos**. Rumo a uma perspectiva global. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SALLES FILHO, N. A. Educação para paz: um caminhar no pensamento complexo através de cinco pedagogias integradas e complementares. **Polyphonia**, v. 27, n.1, jan./jun. 2016, p. 139-153. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/42291>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SERRANO, G. P. **Educação em valores**: como educar para a democracia. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVINHO, E. Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura: obliteração estrutural da esfera pública no cyberspace. **Revista Famecos**, v. 17, n.º 3, set./dez. 2010, p. 266-277. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8194>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

UNESCO. **Global Citizenship Education**. Topics and learning objectives. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2015.

**Enviado em:** Mar. 2018.

**Aceito em:** Jun. 2018.

#### **Como referenciar este artigo:**

FERREIRA, António Gomes; MOTA, Luís. A educação para a paz no Século XXI: busca de sentidos no espaço virtual. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 5, n. 11, p. 159-179, mai/ago, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index>>. e-ISSN: 2359-2087.